

# Andy Kaufman: brincando de John Cage

Jacques Fux

Everyone lives in his own fantasy world, but most people don't understand that. No one perceives the real world. Each person simply calls his private, personal fantasies the Truth.

Federico Fellini

1.

Há trinta anos o público aguarda ansiosamente pelo seu retorno. O retorno do filho amado, odiado e brincalhão. Aquele que zombou quando ninguém imaginava uma brincadeira, e que falou sério quando ninguém mais acreditava em suas palavras. Ele inventou um personagem e vários protagonistas para suportar essa sua vida completamente inteligível. Ele foi a maior celebridade do circo que falseou, e aquele que jamais foi compreendido pelas suas excentricidades. Ele transcendeu os limites do real, do simbólico, da imaginação e do próprio imaginário. Em 1984 Andy Kaufman saiu finalmente de cena e todos ainda aguardam ansiosos pela sua volta, especulando se ele, como prometido, teria sido capaz de ludibriar até a própria morte.

2.

Desde pequeno Andy era uma criança especial. Foi o primeiro neto, o primeiro filho, o primeiro com raízes legitimamente americanas, apesar de nunca ter se adaptado inteiramente àquele país. Ele nasceu em 1949 em Nova York, quatro anos depois do término do Evento que atestaria o fim da poesia. O epílogo de um utópico romance. O extermínio total de qualquer possibilidade de ficção. Ele, então, foi concebido nesse mundo ferido, descendente de uma família marcada pela presença incisiva do olhar do outro. Cresceu numa comunidade que, mesmo não tendo vivenciado Auschwitz, nunca mais poderia deixar de sentir esse enorme terror.

Mas ele era diferente, como todos em sua geração. Ele tinha que ser surpreendente. O mundo sempre lhe pareceu verossímil e cruel demais, e ele queria abstrair as possibilidades do real. Assim, desde muito jovem, Andy buscava se refugiar e esquecer da dor do seu povo, e também da realidade que nunca compreendeu verdadeiramente.

Ele então cria o primeiro de muitos interlocutores para suas fantasias. Um personagem para entreter, mas também para ludibriar a realidade e tudo que pudesse existir. Seu principal herói foi Dhrupick, o seu alterego revisitado. Assim ele era Andrew Geoffrey Kaufman, mas em muitos momentos de sua vida preferia ser Dhrupick, aquele que não herdara nenhuma dor, não aceitava o olhar inquisitório do outro, e era verdadeiramente livre e assimilado. Dhrupick não habitava esse mundo repleto de preconceito, amargura, desentendimento, e nem tinha amarras e medo algum. Um personagem utópico, louco e esquizofrênico para o universo, mas não para Andy.

E Andy aprendeu muito cedo com Dhrupick a se divertir seriamente com a possibilidade de ser um Outro. E de olhar para si com compaixão. "Every once in a while, every week or two, I would wake up in the

morning and I would say ‘I think I’ll be DhruPick’”. E sendo DhruPick o mundo se desvelava, e ele podia se encantar com outras criações.

Seus colegas de infância o chamavam de louco. Ele, que já era estrangeiro e visto como alguém que não pertencia àquele mundo, acabou aceitando essa rejeição. Por isso brincava e zombava da própria cara, e desse outro que supostamente o acolhia e o afastava. Mas ele, ao encarnar seus personagens, podia abstrair-se dessa realidade dolorosa tornando-se alguém que ele muito admirava. E assim, nessa leveza disfarçada, prosseguiu por toda a vida.

Um dia chegou à escola trajando um quimono. Ele estava muito feliz, eufórico e certo de que sua atitude ridícula e divertida provocaria alguma reação. Mas ele não se importava, já que sempre foi capaz de afastar-se de si mesmo, chegando até a esquecer quem ele era de fato, ou quem ele tinha sido um dia. Seu professor se incomodou com a fantasia e lhe perguntou o motivo dessa vestimenta que contrariava as regras do colégio. Andy, já sendo um *el outro borgiano*, refutou dizendo que essa era a sua indumentária habitual, afinal de contas ele era o irmão gêmeo de Andy, DhruPick, que vivera algum tempo no Japão e sempre usava esse tipo de roupa em público. Foi a primeira confusão que aprontou. A escola, os professores e os colegas não sabiam muito bem o que estava acontecendo e, diante de uma declaração dessas, chegaram até a cogitar a possibilidade da existência de um irmão gêmeo com influências nipônicas. Mas, ao descobrirem essa primeira das muitas trapaças de Andy, ele acabou sendo enviado para a diretoria, que o obrigou a visitar um psicólogo. Essa era a lógica que Andy queria burlar ao construir uma possibilidade sempre factível, mas sempre avessa às estruturas sacramentadas.

Ele foi se tornando ainda mais estranho no mundo que o cercava e acabou assimilando todo esse exotismo fabuloso. Ele passou a ser aquele que sempre brincava, mas que também ludibriava o tempo todo. Ele era aquele que negava a própria mentira, mas que não a transformava numa verdade. Ele inventava e falseava a própria ficção, tornando-a cada vez mais próxima de uma realidade inconcebível e inteiramente real. E assim foi se afastando da normalidade, metamorfoseando-se em um louco e em um gênio.

Seus amigos, a mídia, o *show business*, e até Hollywood, também nunca souberam dizer se ele era um gênio ou um louco, nem mesmo quando ele interpretava um papel que seguia um roteiro pré-definido. O mundo se encantava com suas invenções, mas também abominava os devaneios desse *performer* que desejava furiosamente um ineditismo incomum e extraordinário.

### 3.

O pai de Andy nasceu em 1922 e, após se formar na prestigiosa Penn University, foi convocado para o exército em 1944. Acabou sendo enviado à Normandia cinco dias antes do Dia D. E ele realmente encarou bem de perto a ignorância da morte, e a triste realidade da vida, ao participar de uma das noites mais sangrentas da História. Ele sentiu a dor inimaginável de ver seus amigos morrerem e viveu a culpa pela sorte de ter escapado. Ferido de corpo e alma, regressou aos EUA e pediu a mão de Janice Bernstein em casamento. Foi a sua uma forma de contornar a realidade através da invenção de um amor.

A figura dos pais sempre marcou a vida de Andy. Ele sempre quis mostrar-lhes que sua profissão também era importante e que estava fazendo algo definitivamente inovador e ousado. Ele, sonhava, teria aparecido no mundo para fraudar todos os paradigmas e para se tornar um sucesso. Um mito. Um Deus. Mas, talvez, o que ele queria mesmo era conceber algo que pudesse apenas acalmar seus monstros.

Ao atuar, imaginar uma cena, um evento ou um acontecimento, Andy sempre pensava na recepção de seus pais. Eles, seus primeiros espectadores, também ficavam estarecidos com o poder inventivo do filho. E nunca souberam muito bem quem ele era de fato e qual dos muitos personagens seria o verdadeiro filho.

Eles, desde a tenra infância de Andy, não compreenderam o mundo, as criações e as excentricidades do garoto. Nunca conseguiram decifrar o misterioso olhar daquele menino.

Ele foi uma criança extremamente tímida. E também um adulto acanhado: uma grande ironia. Ainda se lembra do seu primeiro dia de aula. Horrível. Um trauma que revisitaria várias vezes ao atuar. Ele se recorda desse momento, ri desse passado já adulterado, mas sente uma pontinha de melancolia. No início do ano todas as crianças tinham que se apresentar para a turma. Nada muito complicado, considerando que todos eram ainda muito jovens. Mas ele se inquietou com essa tarefa que tinha que realizar, passando a noite anterior em claro, e morrendo de medo do que os colegas iriam pensar. Ele repassou sua fala por diversas vezes. Iria dizer seu nome, o nome dos pais, da irmã, e do bairro onde moravam. Seria uma declaração simples, sem muita paixão, sem imaginar-se em frente às câmeras como sempre fazia na sua casa voltado para a parede. Mas isso não seria fácil. Expor-se e saber que o outro o esmiuçaria seria penoso para Andy. Por isso, a partir daquele instante, ele abstrairia a recepção de sua obra.

Ao ser convocado pela professora para se apresentar aos colegas e proferir o já ensaiado discurso, ele entra em pânico e se cala. Silêncio total e extremamente doloroso, mas com o qual ele aprenderia muito. A partir desse silêncio e dessa experiência terrível, ele seria capaz de reler a famosa obra performada por John Cage. Mas, naquele instante, ele não compreendeu o poder do silêncio. Apavorou-se e fugiu. Prometeu para si próprio que nunca iria reviver esse sentimento novamente.

Ele havia experimentado o medo e o julgamento do outro. O medo da reprovação e da censura. O medo diante do mundo que ele já inventava, mas que agora o menosprezava e desaprovava. Num futuro não muito distante, ele se tornaria o rei, o *showman*, o grande astro do improviso, do surreal e do fantástico. Mas naquela pequena sala de aula, onde pessoas muito atentas a qualquer falha, prestavam demasiada atenção nele – e em que ele não estava atuando – experimentou uma sensação extremamente amedrontadora. Ali, ele não conseguiu falar, brincar e iludir a realidade. Por isso tomou a decisão de nunca mais viver esse “eu” que era tímido, que tinha medo do julgamento do outro e de atrapalhar o mundo. Assim ele fabricaria personagens que nunca mais sentissem o transtorno da realidade. A criação da ficção em busca da sua liberdade.

Mesmo assim esse momento de derrota seria revivido por muito tempo. Na hora do intervalo ele se sentiu diminuído. Inútil. Aterrorizado. Teve medo de que todos seus colegas, e a professora, fossem ainda afrontá-lo em busca de uma explicação. Ele não tinha conseguido pronunciar seu nome e nem falar das suas origens como todos fizeram. Assim passou o recreio literalmente com a cabeça entre as pernas, fugindo do olhar incriminador do outro. Mas quando finalmente tomou coragem e encarou o mundo, descobriu que ninguém prestava atenção nele. Que seu silêncio não havia verdadeiramente tocado ninguém. E sua dor foi ainda maior.

Talvez nesse fatídico instante ele tenha decidido tornar-se sempre o centro do show. E por isso ele teria que inventar algo surpreendente. Alguma coisa que pudesse alentar esse seu medo do público, do outro e de si mesmo. Ele teve que conceber outros universos, outras ficções e muitos outros personagens. E, a partir daquele dia, nem ele saberia mais em quem se transformaria. Seria ele um criador? Um ator? Apenas mais um louco? Em quem se metamorfosearia Andy “Kafka” Kaufman?

E o menino inicialmente execrado passou a ser admirado. Seus novos personagens contagiavam seus colegas. Ele encenava no recreio do colégio, inicialmente sozinho, querendo somente fugir da dor da realidade. Ele, e seus outros “eus”, eram o seu único público. Mas, uma vez, uma outra criança se aproximou e o observou atuando. E gostou muito do que viu. Achou aquilo muito diferente, divertido e incompreensível. Algo que não era inteiramente lúdico, mas que causava um certo estranhamento e curiosidade. E adulterava o mundo ao redor. Andy estava solitário durante o intervalo, falando, gesticulando, cantando e dançando para ninguém.

Além de engraçado, despertava certo incômodo nesse colega. Andy não queria audiência real, e nem procurava amigos. Ele já se bastava. E, aborrecido, mas com uma voz risível e com um olhar completamente desconcertado, mandou que esse menino observador saísse daquele lugar. Ele falava muito seriamente, com um olhar de doido, e com caretas e gestos que imitavam um bicho estrambótico. Nascia naquele instante Latka Gravas, um dos muitos personagens de Andy.

E o menino, admirado com a cena kafkaniana, não levou a sério as ameaças de Latka e resolveu ficar admirando aquele acontecimento. E ainda, mais tarde, resolveu chamar outros colegas também para apreciar aquela cena. Todos, surpresos, contemplavam aquela cena maravilhosa que tangenciava a realidade, a loucura e a ficção. Andy, mesmo sendo outro, ficou emocionado e compreendeu sua verdadeira vocação. Nos dias seguintes a plateia de crianças assustadas, jocosas e interessadas aumentara exponencialmente. Todos do colégio queriam conhecer e participar daquele mundo. Daquela vivência improvável. Daquela acontecimento inédito. E Andy, apesar de não querer fazer nada engraçado, arrancava o sorriso, o espanto e a admiração de todos.

4.

Ele sempre viu o mundo como a possibilidade de uma ilusão e de uma fantasia. Mas de quem seria essa invenção? De um deus ordinário jogando dados? De um outro qualquer sem cabeça, montado numa quimera de Kafka vagando pelas ruas de Praga?

Se ele sempre concebeu o mundo como uma grande fábula, então por que não atuaria o tempo todo? Por que não ludibriaria a si próprio e ao outro? O próprio conceito de mentira não se enquadrava em sua natureza e crença. Pela sua lógica, única, e talvez a mais próxima da realidade, tudo era cenário, tudo era semblante, tudo precisava ser reinterpretado. Com base nessas crenças, Andy realizou com maestria o falseamento do exótico mundo que fabricava. Utopia estranha. Muito mais estranha que a própria ficção.

E desde muito cedo ele já não se inseria na suposta realidade. Aos quatro anos ele desafiava suas quimeras e inverdades: “Apparently, he was playacting all the time, really a showman”. Qual seria a dor que ele escondia? Qual seria o pânico que recalcava? Qual seria a memória herdada de que gostaria de fugir? Assim, atuando o tempo todo, seus pais muito se preocupavam não sabendo o que fazer. Era algo inocente, revelador e criador, mas que despertava um receio na “normalidade” da família.

E como diagnosticar e curar a poesia, a criação e a originalidade que nascia junto com Andy? Nem mesmo diante de um médico, ele parava de persuadir a realidade: “He was playacting even for the doctor lady, so how could anyone know the truth?” Até o médico havia se tornado um espectador, e Andy tinha que ludibriá-lo. Será que ele foi o verdadeiro, e único, “caso de poesia” que o Drummond uma vez mencionou? Andy também era Paulo? “Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas. A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez, Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias. Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça: – Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia”. Assim surgiria Andy para abalar as estruturas poéticas do entretenimento.

O que é a realidade? O que é ficção? O mundo ficcional seria parasita do mundo real? “Se por um lado, na medida em que um universo de ficção nos conta a história de algumas poucas personagens em tempo e local bem definidos, podemos vê-lo como um pequeno mundo infinitamente mais limitado que o mundo real. Por

outro, na medida em que acrescenta indivíduos, atributos e acontecimentos ao conjunto do universo real (que lhe serve de pano de fundo), podemos considerá-lo maior que o mundo de nossa experiência. Desse ponto de vista, um universo ficcional não termina com a história, mas se estende indefinidamente”. Era isso que Andy se propunha: engrandecer e multiplicar o real, que não existe, transpondo os limites e as amarras do convencional, do banal e do perceptível. Ele almejava verdadeiramente criar algo além, uma terceira margem entre loucura, sanidade e a profusão da imaginação.

“Mas quanto ao mundo real, com a infinidade de cópias que é possível fazer dele, não sabemos ao certo se é infinito e limitado ou finito e ilimitado. Contudo, há outro motivo pelo qual nos sentimos metafisicamente mais à vontade na ficção do que na realidade. Existe uma regra de ouro em que os criptoanalistas confiam – a saber, que toda mensagem secreta pode ser decifrada, desde que se saiba que é uma mensagem. O problema com o mundo real é que, desde o começo dos tempos, os seres humanos vêm se perguntando se há uma mensagem e, em havendo, se essa mensagem faz sentido. Com os universos ficcionais, sabem sem dúvida que têm uma mensagem e que uma entidade autoral está por trás deles como criador e dentro deles como um conjunto de instruções de leitura”. São essas as polêmicas questões que Andy levanta ao misturar o poder inatingível do real descrito através ficção. E como não há um acordo tácito entre ele e o telespectador, ou entre ele e o mundo que saberia diferenciar a atuação da realidade, sua obra embaralha ainda mais a força da recepção. Ele mistura, perturba e importuna os alicerces, buscando codificar e revelar a mensagem secreta da natureza.

E seus personagens não param de aparecer, mesmo sem que ele saiba quem são ou porque existem. Anos depois de criar seu Dhrupick e Latka, ele também se transforma em Tony Clifton. Este último concebido inteiramente para ofender o olhar e a posição confortável do outro. Clifton queria constranger, polemizar e talvez desvirtuar a própria arte, deformando a posição do artista ao agredir o espectador. Seria isso uma grande piada? Um chiste? A busca pelo inconsciente transgressor? Clifton sempre iniciava sua performance injuriando, e isso causava a estranheza que Andy tanto buscava. “I don’t have to be here – you’re a lucky bastard to have me!”. Apesar de tudo, ele não se considerava um comediante. Tampouco queria ser visto como um. Ele sempre esteve no palco para contestar, talvez, a normalidade e a linearidade da vida.

Tony Clifton colocava em xeque a questão do chiste. O que seria a piada? A ironia? O cômico? O humor judaico? Segundo Kant, o cômico teria a notável característica de ser capaz de enganar apenas por um instante. Mas Tony, Andy, Dhrupick e Latka Gravass clamavam pelo eterno engano. E essa se tornaria a nova realidade. Então, como encarar a falta de brevidade desse discurso supostamente cômico? Essa piada que não se desfaz? Que não acaba? Que não tem um único fim? Portanto, o que estava em jogo era algo muito maior.

Talvez a questão fundamental do chiste seja essa brevidade. Será que Andy se apresentava como um personagem real das propostas para um novo milênio de Calvino? “A brevidade é o corpo e a alma do chiste, sua própria essência”. Essa essência era desprezada completamente por Andy, já que, por muitas vezes, ele não concluía a encenação. Deixava no ar, e nas mãos do receptor, o absurdo diante da não compreensão.

Um chiste diria o que tem a dizer. A partir de palavras que são insuficientes do ponto de vista da lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão, o chiste deveria concluir a ideia central do argumento cômico. Assim, dessa forma, o chiste diria tudo o que se tem a dizer, mesmo não dizendo nada. Freud, Kant o humor judaico e o inconsciente teorizavam dessa maneira o chiste, mas as criações de Andy subverteriam até mesmo a lógica da piada.

5.

Numa de suas performances mais estranhas e ininteligíveis, Andy aparece ao vivo e num horário nobre da televisão, completamente em silêncio. Seria a primeira aparição de Andy em um programa de grande audiência, o conhecido *Saturday Night Live*. Todos já conheciam alguns personagens de Andy, sobretudo o brincalhão Gravas, que falava com uma vozinha fina e irritante, mas que era risível por conta do sotaque que ele empregava. Todos os telespectadores esperavam que ele imitasse Gravas, ou que ele surgisse com algo ainda mais engraçado e diferente. Mas Andy aparece ao vivo e permanece um longo tempo em silêncio, perturbando o público. Estaria ele, nesse momento, refundando a arte como John Cage? Teria ele conhecido a famosa e discutível obra 4'33"? Buscaria ele por um incômodo burlesco? Uma licença para que cada um mergulhasse em seu próprio ser? Esse "eu" completamente esquecido e alienado que nunca prestamos atenção? O incômodo que Andy causava tinha o objetivo de buscar reflexão.

Nessa famosa obra conhecida como 4'33", Cage apresenta uma "forma de arte vazia" convidando o público a experimentar e questionar o desabitado. Ao permanecer sentado, na posição de pianista, sem fazer nada, todos aguardariam ansiosamente que algo espetacular e maravilhoso acontecesse. A atenção e a angústia do público cresciam à medida que o tempo passava. E não acontecendo absolutamente nada (ou tudo), Cage atingiria seu objetivo. Ele surpreendera o público ao evocar um mergulho de todos em seus próprios seres. Algo não usual e inteiramente inédito.

Nenhum som é tocado durante quatro minutos e trinta e três segundos, mas esses preciosos e inesperados instantes invocam uma infinidade de coisas. Toda a questão artística, sensorial, política e institucional passa a ser questionada nesse momento fugaz. Todos os preconceitos são interrogados e invertidos. Não há como dizer que se experimenta algum tipo de musicalidade através da emoção, ou qualquer expressão em forma musical. Não. Também "não há uma sensação de transitoriedade sonora através da plasticidade e adulteração do espaço", nem tampouco uma simples "escuta" de forma real ou apenas imaginada. Mas, contraditoriamente, enquanto o performer estiver sentado em frente a um instrumento musical sob o pretexto de realização de algo, que neste caso foi surpreendentemente a execução do mais puro silêncio, os sons dos outros, do ambiente, do fundo da própria alma, incomodam e despertam o público para algo a que não estão acostumados. Essa "música" choca muito mais que qualquer outra sensação rítmica, causando o mal-estar na pele da própria cultura.

E já que supostamente nada acontece, um turbilhão de emoções é desencadeado nos espectadores. Inicialmente eles pensam se alguma coisa estaria errada, se somente ele não estaria entendendo a performance, ou se estaria sendo passado para trás. Mas, com o passar do tempo, todos acabam se entreolhando. Sorriem uns para os outros completamente atordoados. Estão incomodados, e isso parece engraçado. Mas são mais de quatro minutos, uma eternidade. Muitos, então, começam a se irritar. A música incontrolável da perturbação interna do ser tem início. Os únicos sons emitidos são os do público indignado. De suas respirações exaltadas e do som provocativo ao redor. Cada segundo a mais que Cage permanece parado em silêncio desperta mais alguma sensação no público. A razão é suspensão e ninguém sabe o que está acontecendo.

Mas eles estão participando de uma performance única. Eles vivem o mal-estar, o estranhamento e a surpresa que nunca mais poderão experimentar. Nunca mais o "4'33'" despertará essas emoções, esses incômodos e esse ineditismo. Bravo!

Da mesma forma ninguém nunca esperaria que Andy ficasse em silêncio total num programa de TV ao vivo. O público de uma apresentação de piano é bem diferente, e bem menor, que o público da televisão. Especialmente de um show como *Saturday Night Live*. E Andy disturba ainda mais ao permanecer em silêncio. Esse silêncio que constrange e surpreende, propondo, talvez, uma nova forma de atuar e de despertar emoções.

Ao permanecer calado, o silêncio acabaria dizendo muito mais. Muito mais que qualquer música, piada, encenação. Esse outro, espectador, que busca por alienação, finalmente é obrigado a refletir sobre o momento. O que estaria acontecendo? Haveria algo errado com ele, com o televisor, com a rede ou com o *performer*? Haveria algo errado com a realidade? Surpresa. Perplexidade. Assombro.

Cage e Andy criaram. Desestabilizam estruturas, romperam conceitos e ousaram. Mas a realidade é bem mais estranha que a própria ficção.

6.

E como ludibriar a própria mentira, tornando-a ainda mais falsa?

O *wrestling* é um esporte, um show. Um evento concebido para ser mentira. Não há nada ali que não seja combinado. Tudo é ensaiado como um grande espetáculo que clama por uma realidade ilusória. Os lutadores/atores se digladiam em um ringue, atuando como personagens mitificados, banalizados e ridículos. Eles estariam salvando o mundo de grandes vilões ou sendo os próprios criminosos que muitas vezes derrotam os mocinhos. Mesmo sabendo de toda farsa institucionalizada, esse show continua atraindo milhares de espectadores, sobretudo os americanos.

Andy sempre gostou de assistir esse espetáculo. Assim como a maioria das pessoas, encantava-se com a performance dos lutadores e com a grandiosidade do show. E, como todos, desconfiava se tudo aquilo era armação ou se havia, de fato, uma disputa verdadeira pelo título da noite. Aquele incômodo enfeitiçava o olhar do menino.

Um de seus muitos “eus”, desde muito jovem, já praticava *wrestling* nas suas fantasias. Ele havia sido um garoto fracote, desengonçado e sem nenhuma aptidão esportiva. Mas isso não o incomodava já que poderia sempre inventar um mundo fantástico. Até mesmo fabular-se em lutador.

E ele acordou um dia com vontade de lutar, de criar o seu próprio show. Inventar mais um lugar para atuar e brincar com o público. Assim ele concebe um novo personagem que desafiava e depreciava as mulheres em uma luta de *wrestling*. Ele se torna mais um judeu odiado e odioso, oferecendo mil dólares para que alguma mulher o derrotasse. Ele, detestável, colocava a plateia contra si, reinventando-se como um sujeito preconceituoso, desprezível e machista. Ele havia se tornado o Tony Clifton dos ringues, ainda mais detestado e amaldiçoado. E Andy acabou mudando o paradigma desse programa. Se antes de Andy o *wrestling* tendia mais para a encenação da ficção, com a presença desse desagradável *performer* esse esporte passou a ser encarado como um verdadeiro campo de batalhas onde as mulheres poderiam se impor e se vingar do arquétipo machista e da constante desvalorização e depreciação delas.

Andy ganhava as lutas contra todas as mulheres e se tornava mais e mais abominado. Até que o grande lutador da época resolveu interferir. Jerry “The King” Lawler desafiou Andy para uma luta de “verdade”. Disse que aquele era um esporte que merecia ser respeitado e que Andy estaria depreciando a idoneidade da luta. Ele, ao lutar somente com mulheres, não estaria respeitando o público e deveria enfrentar alguém que soubesse de fato lutar.

Assim, um megaevento é organizado para colocar em panos limpos a idoneidade de algo ilusório. Andy desvalorizava a luta e o “Rei” ao dizer que não iria enfrentá-lo já que tudo ali era falso. Só ele, Andy, tinha a coragem de revelar a mentira. Após muita ofensa e discussão entre os “lutadores” em programas de televisão, Andy finalmente aceita o desafio Iriam lutar. O público do *wrestling* almejava pelo fim de Andy. Eles o odiavam. Eles odiavam o ator de Hollywood, rico e famoso, que queria aparecer e destruir a credibilidade desse esporte. Todos queriam vê-lo tomar uma surra do verdadeiro ídolo deles. Mas seria tudo aquilo realidade ou ficção?

Naquele momento ninguém mais sabia qual era o status da luta. A emoção era tanta que a própria ideia de encenação tinha sido apagada. Aquela luta entre o “Rei”, representando o bem, e Andy, representando o abjeto, era a luta da vida de todos.

Lawler entra no ringue decidido a acabar com o palhaço que diminuía o seu *show*. Ele entra decidido a bater, e bater muito em Andy. Já no ringue, Andy começa a fugir do embate. Estaria com medo ou tudo aquilo era combinado? Ninguém sabe, e aquilo desperta ainda mais a curiosidade da audiência. Olhos atentos e angustiados. Medo, desejo e pulsão. Finalmente Lawler consegue pegar Andy e lhe aplicar um famoso golpe da luta livre, conhecido como pilão. Foi apenas um golpe e o estádio inteiro se calou. Andy havia se ferido gravemente. Aos gritos, permaneceu deitado até ser resgatado por uma ambulância. Aquilo chocou a todos. Eles queriam que Lawler colocasse um fim naquele palhaço, mas a verdade é que ninguém queria que Andy fosse verdadeiramente ferido. Era a invenção da própria invenção, mas aquilo incomodou o público. Eles desejavam uma luta, mas a luta livre não era apenas uma encenação? Por que eles, mesmo querendo que Andy perdesse, não estavam felizes com o seu ferimento? O silêncio, antes encenado por Andy, é recriado pelo público. O estádio se cala e se constrange. O que era aquilo? O que eles realmente clamaram? O golpe tinha sido mesmo real e machucado o ator de que tanto gostavam em Hollywood, mas que odiavam em seu ambiente? Andy estaria mesmo imóvel e desacordado?

O público não sabia como agir. Haviam sido tocados. Experimentavam um sentimento de culpa. Culpa por achar que aquilo tudo era invenção, ou por ter certeza de que tudo não passava da mais pura realidade? O pescoço lesionado de Andy simbolizava o quê? O fim do esporte, a certeza da veracidade de uma luta, o sofrimento real de uma pessoa? Dias depois Andy saiu do hospital, mas ficou durante muito tempo com uma proteção no pescoço devido à suposta lesão.

Mas esse *show* não tinha acabado. Lawler e Andy se encontraram outras vezes em vários programas de TV, um sempre ofendendo o outro. No *David Letterman Show* quase brigaram no ar. Andy dizia que iria processar Lawler, já que este, um lutador profissional, havia ferido um ator que apenas estava brincando com a plateia. Andy dizia que tê-lo ferido foi um absurdo, um ato criminoso que merecia punição. Já o “Rei” se defendia dizendo que havia vingado o público e que ele merecia o machucado. Andy, que resolvera destratar um mundo tão sério e importante quanto o do *wrestling*, devia arcar com as consequências.

E esse espetáculo continuou por anos. Mesmo depois da morte, ou do desaparecimento de Andy, ninguém nunca soube da verdade. Apenas muito tempo depois, com a exibição do filme *O mundo de Andy*, Lawler aparece e diz que tudo aquilo tinha sido combinado. Que fora uma grande armação. Mas, conhecendo Andy, ninguém mais acreditava ou duvidava de nada. Aquele depoimento era verdade, mentira ou ficção? A dúvida permanecera no ar, já que muitos acreditavam que tudo aquilo poderia ter sido planejado por Andy. Ou não.

6.

Andy ludibriou o mundo. Criou um personagem que nem ele próprio era capaz de definir. Ele foi um louco, um gênio ou apenas uma pessoa comum tentando enganar a realidade de um mundo fracassado?

Seu derradeiro *show* seria o próprio desaparecimento. Ele não poderia morrer como todos os mortais. Ele teria que deixar uma dúvida no ar. Um questionamento. Mais uma das muitas fantasias que fabricaria. Ele disse que estava com câncer. Perdeu cabelo, fez tratamento quimioterápico, saiu pelo mundo procurando curas espirituais e metafísicas, mas aparentemente nada adiantou. E tampouco as pessoas acreditaram na sua doença. Mas ele queria atestar, talvez, essa única e última verdade. Ele levou a família, e os amigos, ao hospital

e mostrou os seus exames. Estava ali, indubitavelmente, um grande tumor com chance zero de cura. E ele iria sofrer muito. Muitas dores o aguardavam e ele queria o carinho e a ajuda dos amigos e familiares. Mas ninguém acreditou nele. Aquilo seria mais uma de suas muitas trapaças. E ele sofreu a dor de ter criado um mundo em que ele não se encaixava mais.

Ele começou a definhar, a buscar tratamentos alternativos e a perder a graça e a vontade de viver. Estaria ele apenas somatizando uma doença inventada ou o câncer era mesmo real? Estaria ele buscando realizar a mais inédita das mortes?

Ele armou um grande *show* e ninguém nunca soube o que estava acontecendo. Ele foi lentamente se escondendo e se afastando das câmeras, mas sempre diziam que ele estaria armando a mais inédita das travessuras. Ele iria morrer, mas permaneceria vivo na dúvida do mundo.

E o dia da sua morte chegou. Ele temeu, como nunca, a única verdade que não conseguiu ludibriar. Mesmo assim ele tentou trapaçar o barqueiro sombrio dando-lhe uma moeda falsa e fugindo do inevitável barco de Caronte.

O funeral com seu corpo morto e pálido aconteceu. Ele deixou um vídeo gravado para que todos assistissem o momento de sua partida, o instante em que finalmente a cortina se fecharia. Ele também deixou um testamento, um atestado de óbito e a promessa de retornar. Disse que sua morte foi armada, que ele apenas desapareceria por vinte anos e ressurgiria ainda mais forte, criativo e desafiador. Convidando o mundo para uma nova luta e um novo *show*. Ele tinha certeza que burlaria a morte, mas até hoje não se conhece a verdade.

Dizem que ele ainda se apresenta como Tony por aí. Dizem que Latka continua fazendo suas aparições em pequenos *shows* e em cidades esquecidas pela vida. Dizem que ele interpreta um fantasma judeu, sempre perseguido, amado e odiado, e que se inventa a todo momento para ser aceito pela sociedade. Dizem que ele apenas aceitou a morte, mas segue vivendo. Que ele é o verdadeiro Zelig do Woody Allen. Um camaleão que se metamorfoseia para ser acolhido, mas que ridiculariza a ficção todo o tempo. Dizem, dizem, e continuarão dizendo por aí. Porque a ficção, e a impossibilidade dela, é muito mais rica e palpável que a ilusão da realidade.